



UNESCO Brasilia Office
Representação da UNESCO no Brasil

Sociedade da desinformação

Severino Francisco

Brasília
2004

Artigo publicado em 07 de outubro de 2004, no Observatório da Sociedade da Informação, de responsabilidade do Setor de Comunicação e Informação da UNESCO no Brasil.

© UNESCO, 2004

BR/2004/PI/H/19

O autor é responsável pela escolha e pela apresentação dos fatos contidos nesta publicação e pelas opiniões aqui expressas, que não são necessariamente as da UNESCO e não comprometem a Organização. As designações empregadas e a apresentação do material não implicam a expressão de qualquer opinião que seja, por parte da UNESCO, no que diz respeito ao status legal de qualquer país, território, cidade ou área, ou de suas autoridades, ou no que diz respeito à delimitação de suas fronteiras ou de seus limites.

Sociedade da desinformação

Severino Francisco

Jornalista, Editor do Jornal Radcal, Mestre em Literatura pela Universidade de Brasília e professor de jornalismo do Uniceub

A cada novo cacareco tecnológico surge um profeta anunciando um novo tempo. É claro que qualquer invenção tecnológica provoca mudanças em nossos valores, mentalidades, hábitos e comportamentos. Mas é discutível se essas inovações produzem necessariamente e automaticamente mudanças qualitativas. Os profetas da era virtual vaticinaram que as tecnologias da informação propiciariam a emergência de um admirável mundo novo de seres humanos mais inteligentes, ilustrados, criativos, imbuídos de consciência sobre questões coletivas, noções de cidadania e direitos humanos. Se quisessem justificar as suas teses, no início do novo milênio, esses profetas estariam em uma situação muito semelhante a do filósofo Hegel de uma célebre piada. Segundo a piada, ao ser questionado sobre a evidência de que os fatos desmentiam as suas teorias, Hegel teria respondido: "Pior para os fatos". Simultaneamente ou paralelamente a abertura de inúmeras possibilidades de experiências de comunicação e educação proporcionadas pelas novas tecnologias, a sociedade da informação convive com a realidade de um inquietante crescimento do número de analfabetos funcionais, tanto em países em desenvolvimento quanto em países desenvolvidos.



No caso de países como o Brasil, em que a era virtual chegou sem que tivesse se sedimentado uma tradição letrada, a situação adquire um acento mais dramático. Pesquisa realizada numa parceria entre a ONG Ação Educativa e o Instituto Paulo Montenegro, no ano de 2003, revela que o analfabetismo funcional atinge a 38% dos brasileiros, sendo que deste percentual 8% é constituído por analfabetos absolutos. Somente 1 em cada 4 brasileiros com mais de 15 anos tem pleno domínio das habilidades de leitura e escrita. Numa outra dimensão, uma série de pesquisas constata também que a tiragem dos jornais despencou, em escala progressiva, nos últimos 10 anos.

Evidentemente, esse quadro delineado em rápidas pinceladas implica em graves conseqüências para a educação, a cultura e a democracia. Se a leitura e os livros sempre foram instrumentos essenciais para o desenvolvimento da reflexão, da imaginação, do domínio da linguagem e do exercício do senso crítico, eles adquirem uma relevância ainda maior no contexto de uma sociedade da informação, marcada por inovações tecnológicas vertiginosas, pulverização das mensagens, dispersão das fontes de conhecimento, império do mercado e das dissimulações do marketing. No caso da cultura, se é preciso reconhecer a vitalidade de novas linguagens (rap, videoclip, grafite, sites, entre outras), de outra parte é necessário registrar que a ausência de contato dos adolescentes com o livro implica em uma ruptura com todo o legado cultural da humanidade acumulado durante séculos. É como se a história da humanidade tivesse começado com o roqueiro Charlie Brown Jr ou com a dupla Sandy e Júnior.

Do ponto de vista da democracia, é ocioso lembrar sua condição quase indissociável da imprensa escrita. Se as notícias de uma proposta de educação ou de uma denúncia de corrupção forem veiculadas na tevê certamente alcançarão um impacto mobilizador muito maior do que na imprensa escrita. Em contrapartida, se publicadas na imprensa escrita, as mesmas notícias seriam dotadas de um maior poder de análise, permanência e memória. A imprensa escrita exerce uma função de documento da história cotidiana, de acesso e reprodução muito mais fácil do que a televisão, meio marcado pela fugacidade.

Estranhamente, este estado de coisas tem suscitado, com raras exceções, uma resposta muito mais defensiva do que afirmadora, da parte dos sistemas de educação, das instituições públicas e da imprensa escrita. Novamente, com raras exceções, apesar das tiragens continuarem desabando, ao invés de buscar o seu lugar de singularidade como espaço de análise, reflexão, inteligência e cultura em um cenário mutante de novas tecnologias da informação, a imprensa escrita insiste em permanecer a reboque da pauta eletrônica da televisão.

No campo da educação, essa postura defensiva se traduz em uma melancólica divisão, para as crianças e os adolescentes: de um lado a televisão, com seus mil e um jogos de sedução, apelos ao prazer, artimanhas lúdicas, promessas de felicidade – e de outro o livro, concebido como objeto de conhecimento, razão, disciplina, conhecimento. No Brasil, graças a uma geração de escritoras de grande talento, como é o caso de Ruth Rocha e Ana Maria Machado, a professores abnegados e a uma lei que abriu espaço para a literatura infantil nos currículos das escolas do Ensino Fundamental, as crianças tem contato com o livro como objeto de prazer. Toda criança gosta de ouvir histórias. Mas a situação se complica na passagem da infância para a adolescência.

Existe um abismo em termos de políticas públicas de leitura para os jovens. Faltam bibliotecas, acervos atualizados e professores preparados para iniciar os jovens no prazer da leitura e realizar conexões entre o livro e outras linguagens. As chamadas fichas de leitura, instrumentos criados com o suposto objetivo de explorar as potencialidades didáticas do livro, são o melhor exemplo dos equívocos da escola. Alguns dos mais eminentes autores de livros infantis e infanto-juvenis já confidenciaram que não conseguem preencher as fichas de leitura dos seus próprios livros. O Ministério da Educação está anunciando um programa ambicioso para enfrentar a questão. Esse estado de coisas exige não propriamente uma defesa, mas um ataque do livro.

Em um dos seus ensaios, o cientista e escritor de ficção científica Isaac Asimov anuncia uma nova e fantástica invenção tecnológica, dotada das qualidades inimagináveis de, ao mesmo tempo, promover links entre imaginação e memória como nenhum computador seria capaz de fazer, condensar uma quantidade enorme de informação em um espaço mínimo, expandir as fronteiras do conhecimento para além dos limites da sala de aula, depurar a linguagem, aguçar o senso crítico, propiciar conexões mente a mente, proporcionar a oportunidade de entrar em contato com pessoas de todos os tempos (vivos e com os mortos), adequar-se à subjetividade do portador. E tudo isso funcionando sem bateria.

Para quem julgar inverossímil o artefato idealizado por Asimov bastaria evocar que, a partir da metade do século 20, robôs, clones, satélites e sistemas virtuais de informação e outras invenções da mais descabelada imaginação de ficção científica invadiram o nosso cotidiano. Mas, depois de enumerar exaustivamente as qualidades da nova invenção tecnológica, Asimov revela que ela já existe: é o livro. E, finalmente, lança um desafio: quando os novos meios virtuais de informação alcançassem a sofisticação do livro como tecnologia cultural e educacional seria possível levar a sério os profetas da era virtual.

O escritor argentino Jorge Luis Borges também vai na mesma direção de Asimov: "Dos diversos instrumentos inventados pelo homem, o mais espetacular, sem dúvida, é o livro. Os demais são extensão do seu corpo. (...) O livro, porém, é outra coisa: o livro é uma extensão da memória e da imaginação". Os argumentos tanto de Asimov quanto de Borges sugerem uma nova perspectiva para o debate, muito mais afirmadora e positiva. Ou seja: é necessário dizer, com todas as letras, que o livro permanece uma tecnologia de ponta, a ser não apenas preservada, mas integrada e articulada com as outras tecnologias de comunicação e de arte. As novas tecnologias descortinam possibilidades de experimentações inéditas de educação e cultura para crianças e adolescentes. Mas, sem a conexão com o legado inscrito nos livros, as mais sofisticadas tecnologias de comunicação, se reduzem a cacarecos eletrônicos, explorados de uma maneira mecânica, rasa ou mesmo deletéria: "Somos o que lemos, mas também o que não lemos", alerta o escritor argentino Alberto Manguel..

No livro *A Televisão Levada a Sério*, o crítico e professor Arlindo Machado reivindica uma tradição inventiva para a televisão no mesmo plano de todas as outras linguagens contemporâneas. Contudo, insolitamente, em sua lista dos 30 melhores programas de televisão, nos deparamos com Glauber Rocha, Guel Arraes, Jean-Luc Godard, Peter Greenaway, Micheleangelo Antonioni, Num June Paik, Robert Altman, Ingmar Bergman, John Cage, gente que não nasceu dentro de um tubo de televisão ou de uma rede da Internet. Gente com amplo trânsito pelas múltiplas tecnologias (fotografia, literatura, artes plásticas, teatro, cinema, vídeoarte) mediadas pelo livro. Por isto seria importante fazer com que as novas gerações superassem a relação antagonista e maniqueísta livro versus televisão, livro versus Internet, livro versus rock. O livro é uma tecnologia cultural que intensifica, amplia e sofisticada as possibilidades expressivas de qualquer outra mídia ou tecnologia de informação. Mas, para que isso ocorra, de fato, é necessário o empenho de educadores, meios de comunicação eletrônicos, artistas, escolas e outras instituições no sentido de se formular uma pedagogia do prazer para os jovens no contato com os livros. É a única possível em uma sociedade mediada pela intervenção de meios de comunicação regidos por princípios hedonistas e lúdicos.

O escritor e semiólogo francês Roland Barthes afirmava que, da mesma maneira que há um obscurantismo do saber, ou seja, há coisas que ignoramos, existe um obscurantismo do prazer. Ou seja: existem prazeres que desconhecemos. E um destes prazeres é a leitura. Seria imprescindível promover ações no sentido de que os jovens percebam o livro, essencialmente, como um objeto de desejo. E também para que compreendam que nos livros não há separação entre jogo, imaginação, razão, prazer, conhecimento. O livro é uma mídia tão democrática que permite até uma crítica tão radical e divertida contra si mesma ou contra o excesso de intelectualismo, como a desfechada pelo grande poeta português Fernando Pessoa: "Ai que prazer, ter um livro para ler/E não o fazer/Ler é maçada/Estudar é nada/Estudar é uma coisa em que está indistinta a distinção entre nada e coisa alguma". Detalhe: Fernando Pessoa criou a concepção do poeta como fingidor, inventor de máscaras ficcionais, capaz de viver outras vidas. E, na vida real, lia um livro por dia.

Em Brasília, desde 1996, edito o jornal Radcal, de 16 páginas coloridas, publicado pela Fundação Athos Bulcão, dirigido ao público dos adolescentes, distribuído a 100 mil adolescentes da rede pública do ensino do Distrito Federal. O que se diz dos jovens da era virtual? Que não apreciam a leitura, mas gostam de televisão, Internet, revistas em quadrinhos, fanzines, videogames. Pois bem, em síntese, a proposta do Radcal é mobilizar todas essas linguagens na tentativa de seduzir os jovens para a leitura, estabelecer conexões com a tradição cultural da humanidade, mixar os poemas de Carlos

Drummond de Andrade com letras de rap, cultura popular e signos virtuais, prevenção a doenças sexualmente transmissíveis e arte erótica, grafite e a filosofia existencialista de Jean Paul Sartre, humor e direitos humanos.

Pesquisa realizada pelo Instituto Who, com apoio do Unicef, em 1999, revelou que 99% dos entrevistados liam o jornal, 96% que o Radcal proporciona uma leitura prazerosa, 33% consideravam o jornal leitura obrigatória em sua íntegra e 62% reconheceram que o Radcal faz o jovem pensar e muitas vezes mudar de comportamento. Recebemos também cartas de adolescentes que têm o valor de um prêmio tais como: “Este é o primeiro jornal que me deu o prazer de ler”. Ou: “O Radcal é melhor do que o Wasghinton Post e o New York Times”. Essa singela experiência desmente muitos lugares comuns e revela que existe todo um campo a ser explorado na relação entre jovens e leitura na era virtual. O livro não pode ser associado a um objeto de interesse arqueológico, cheio de poeira, teias de aranha, lagartixas e outros bichos. Mas sim a uma tecnologia cultural de ponta a ser conectada a qualquer outra tecnologia.

Por mais que esteja armada por um poderoso arsenal de tecnologias de informação, uma sociedade que produz uma legião de analfabetos funcionais é uma sociedade da desinformação. Para que cumprissem as predições dos profetas da era virtual, as tecnologias da informação precisariam agregar valores éticos, educacionais, sociais, humanistas, culturais, artísticos e espirituais. Valores que se encontram encerrados no livro como em nenhuma outra tecnologia da informação: “A ciência é exasperadamente lenta”, já nos alertava, em pleno século 19, o poeta-vidente Jean-Arthur Rimbaud.